

Empurrando com a barriga

A cada vez que ministros da área econômica vão aos Estados Unidos, como agora, para tratar da renegociação da dívida externa do País, é sinal que o momento é de muita cautela.

Dos dólares captados no exterior depende a saúde do Brasil, fazendo funcionar as indústrias, a agricultura, criando empregos, aumentando o crescimento interno, desde que aplicados corretamente para aquilo a que forem destinados.

Agora, nos EUA, temos o ministro Funaro na tentativa de renegociar com banqueiros, conversando com o FMI, para garantir o fluxo de dólares para a economia brasileira, que ao longo dos anos acostumou-se a buscar sempre recursos externos para não frear o crescimento. Hoje, com a disposição do presidente Sarney em não abrir mão do crescimento interno, estes recursos e a renegociação da dívida adquirem nova importância.

Negociar com banqueiros não é uma tarefa fácil. Basta precisar fazer um «papagaio» para se ter a idéia. No entanto, a imprensa brasileira, talvez por patriotismo, ou por obter informações junto a pessoas interessadas em um acordo favorável aos negociadores, têm dado como certo e garantido o aval do FMI, de que tanto se fala, abrindo, assim, o caminho para o fechamento do acordo com os bancos. Mas as coisas não são bem assim.

Os bancos estão tão somente querendo prorrogar por mais noventa dias o acordo que estará vigorando até o dia 17. Mas, para um País, três meses não é prazo suficiente para se fazer uma programação. Ou seja, em abril, volta-se à mesa de negociação.

Parece então que a euforia de assessores e o comportamento otimista da imprensa não são assim tão realistas. O

que o ministro Funaro pretendia, pelo menos, era um acordo de 2 anos. Três meses não justificam um acordo, mas só um empurrão com a barriga.

Amanhã, o ministro Funaro deverá tomar conhecimento oficial da política norte-americana sobre a unificação e harmonização do BID, BIRD (Banco Mundial) e o FMI.

Atualmente o BID — Banco Interamericano de Desenvolvimento — faz empréstimos sem exigir nenhuma contrapartida. Com essa «harmonização» o governo dos EUA poderá controlar mais os devedores, fazendo com que também o BID passe a exigir, por exemplo, vantagens como a redução da participação do Estado na economia e estimular a iniciativa privada. Ou então, a abertura de portas, até então fechadas, aos interesses dos americanos.

Muito se falou, e de tempos em tempos, o assunto volta à tona, sobre a ameaça americana à reserva de mercado na área de informática. Lembrem-se que na época de Geisel, diante da necessidade de mais dólares para o investimento interno o Brasil abriu seu mercado de exploração de petróleo, com os chamados «contratos de riscos».

Mas tudo isso está contido na palavra negociação. Quem pode mais, chora menos. O Brasil tem alguns trunfos como a balança comercial, que apresentou o terceiro maior superávit do mundo em 1985. Mas, por outro lado, a inflação, sempre irredutível, afasta os investimentos por parte das empresas e assusta os banqueiros. Estes, por sua vez, têm os dólares, confiança no país, mas querem sempre puxar mais brasa para as suas sardinhas. Um acordo virá, mais cedo ou mais tarde, mas que seja o melhor para o Brasil.